

RESILIÊNCIA EM TELA: o cotidiano pedagógico a partir da série *Segunda Chamada*

Robéria Nádia Araújo Nascimento
Thatiane Oliveira do Nascimento

Resumo

Na apropriação do aparato de uma instituição escolar, a precariedade da educação pública no Brasil é notabilizada na série *Segunda Chamada*, buscando ressaltar o ofício dos/as professores/as da educação de jovens e adultos (EJA) como protótipos de esperança. O título já anuncia metáforas de que nunca é tarde para uma “segunda chance” na vida, ou para se aprender a ter fé no futuro. Laços de sociabilidades e sensibilidades são criados para instigar o protagonismo dos/as estudantes em meio às dificuldades escolares, materializadas por preconceitos e desafios. À luz dos pressupostos teóricos da educomunicação, a narrativa reverbera o cotidiano educacional por representações da prática docente e das aprendizagens propostas no currículo de formação. Mas até que ponto o contexto pedagógico da EJA reflete o descaso do poder público com as instituições e, por conseguinte, com os sujeitos que abraçam a docência? De acordo com o cenário da ficção, o empenho dos/das docentes emerge como uma missão impossível construída por histórias, cujas lições de vida significativas sugerem verossimilhança com o mundo social.

Palavras-chave: cultura de séries; educomunicação; cotidiano pedagógico; EJA (educação de jovens e adultos); resiliência.

RESILIENCE ON SCREEN: The pedagogical routine from the series *segunda chamada*

Abstract

In the appropriation of the apparatus of a school institution, the precariousness of public education in Brazil is highlighted in the *Second Call* series, seeking to highlight the role of youth and adult education (EJA) teachers as prototypes of hope. The title already announces metaphors that it is never too late for a “second chance” in life, or to learn to have faith in the future. Bonds of sociability and sensitivities are created to encourage students to take a leading role in the midst of school difficulties, materialized by prejudices and challenges. In light of the theoretical assumptions of educommunication, the narrative reverberates in everyday educational life through representations of teaching practice and learning proposed in the training curriculum. But to what extent does the pedagogical context of EJA reflect the public authorities' disregard for institutions and, consequently, for the subjects who embrace teaching? According to the fictional scenario, the teachers' commitment emerges as an impossible mission constructed by stories, whose significant life lessons suggest verisimilitude with the social world.

Keywords: series culture; educommunication; pedagogical daily life; EJA (youth and adult education); resilience.

RESILIÊNCIA EM PANTALLA: LA cotidianidad pedagógica desde la segunda convocatoria seria

Resumen

En la apropiación del aparato de una institución escolar, la precariedad de la educación pública en Brasil es resaltada en la serie *Segunda convocatoria*, buscando resaltar el papel de los profesores de educación de jóvenes y adultos (EJA) como prototipos de esperanza. El título ya anuncia metáforas de que nunca es demasiado tarde para una “segunda oportunidad” en la vida o para aprender a tener fe en el futuro. Se crean vínculos de sociabilidad y sensibilidades para alentar a los estudiantes a asumir un papel protagónico en medio de las dificultades escolares, materializadas por prejuicios y desafíos. A la luz de los presupuestos teóricos de la educomunicación, la narrativa reverbera en la vida educativa cotidiana a través de las representaciones de la práctica docente y del aprendizaje propuestas en el currículo de formación. Pero ¿hasta qué punto el contexto pedagógico de la EJA refleja el desprecio de los poderes públicos por las instituciones y, en consecuencia, por los sujetos que abrazan la enseñanza? Según el escenario ficticio, el compromiso de los docentes emerge como una misión imposible construida a partir de historias, cuyas significativas lecciones de vida sugieren verosimilitud con el mundo social.

Palabras clave: cultura de series; educomunicación; rutina pedagógica; EJA (educación de jóvenes y adultos); resiliencia.

INTRODUÇÃO

Para pensar a desvalorização da educação no país, tornam-se oportunos apontamentos que enfatizem uma formação docente humanizada e comprometida com a emancipação social, assim como uma esfera discente empenhada e perseverante na missão de aprender. Considerando esses eixos, nosso propósito é discutir o cotidiano escolar, adotando como pretexto de análise uma narrativa ficcional contemporânea centrada na resiliência dos sujeitos pedagógicos da modalidade EJA (educação de jovens e adultos).

Trata-se da série *Segunda Chamada*, autoria de Carla Faour e Julia Spaldaccini, dirigida por Joana Jabace, Pedro Amorim, Henrique Sauer, com direção artística de Joana Jabace. A produção foi inspirada no espetáculo teatral *Conselho de Classe*¹, de Jô Bilac, apresentada em duas temporadas: a primeira com 11 (onze) episódios, exibidos de 08 de outubro a 17 de dezembro de 2019, na Rede Globo; e a segunda, em setembro de 2021, na plataforma Globoplay, numa compilação de 06 (seis) episódios. A trama reproduz a luta de moradores de rua por cidadania, a começar pela inserção na escola, lançando um olhar sobre a precariedade das periferias, a problemática da falta de teto e a invisibilidade das pessoas que partilham, igualmente, um desolado destino marcado por adversidades. O eixo dramático também orbita em torno da violência contra as mulheres, mediante questões de feminicídio, intolerância, diversidade cultural e exclusão. Se é notabilizada a falta de apoio, no Brasil, às instituições públicas escolares, em que medida realidade e ficção se entrelaçam no arco narrativo?

Para a compreensão pretendida, a teoria educomunicativa é acionada como chave de leitura para o entendimento do campo educacional e seus dilemas. Citelli (2013) argumenta que essa vertente se apropria das interfaces entre comunicação e educação em sinergia com as questões contemporâneas que atravessam os referidos campos. Assim, determinados espaços institucionalmente legitimadores dos saberes na sociedade, a exemplo das salas de aula, passaram a

¹ Vencedor de diversos prêmios importantes da dramaturgia como APTR, Cesgranrio e Shell, o espetáculo trata das relações de poder que envolvem o sistema educacional.

conviver com outros constituidores de experiências formativas forjando um circuito de midiatisações. No novo cenário, as videotecnologias, os sistemas telemáticos, a mobilidade digital e a cultura de séries se inter cruzam, retratando e disseminando questões educacionais em larga escala, através de documentários, filmes e enredos dramaturgicos que reproduzem personagens inerentes a esse universo: professores/as, alunos/as e escolas.

Portanto, as práticas educativas estão sendo crescentemente marcadas por uma cena histórica, cultural e sociotécnica, no interior da qual os sistemas e processos comunicacionais exercem um papel decisivo, não apenas para reverberar a problemática educativa e suas recorrências, mas para propiciar mecanismos de reflexão pública sobre as dificuldades que afetam os profissionais e as estruturas das escolas. Nesse raciocínio, convivemos com um *bios* midiático (Sodré, 2013) que plasma o binômio mídia/educação, chamando atenção para os seus desdobramentos.

Assim, o *ethos* do mundo midiatisado aglutina referências socioculturais, simbólicas, políticas, educacionais, que se hibridizam e interferem na consciência dos sujeitos. Nessa dinâmica, os processos de construção da realidade, da memória e da identificação dos grupos são marcados pela transformação das normas e valores de sociabilidade, que delimitam os princípios de uma nova ética coletiva. No entanto, convém sublinhar que esse padrão ético depende de políticas públicas que valorizem a educação. A série *Segunda Chamada* traduz tal pensamento ao focalizar as dificuldades estruturais de uma instituição escolar e de seus integrantes.

Transitando por essas interfaces, as considerações aqui reunidas comunicam os resultados de uma pesquisa acadêmica, que contemplou as mediações do audiovisual (Martín-Barbero, 2004, 2014) com ênfase à capacidade de resiliência dos/as professores/as e alunos/as. Uma análise temática ficcional (Motta, 2013) possibilitou o estudo da formação da cultura escolar em suas condições de verossimilhança. A premissa da pesquisa emergiu do entendimento do ambiente escolar ficcional enquanto dispositivo de representação e compreensão dos processos pedagógicos em suas mediações culturais e comunicativas. Logo, a mídia, como instância tecnocultural das relações cotidianas, “certamente se ajusta aos conceitos de educação ancorados em perspectivas inter e transdisciplinares, reforçando a ideia de que o conhecimento não cabe em grades curriculares” (Citelli, 2013, p. 183).

Em síntese, aprende-se para além da escola, *com e através* dos produtos midiáticos em suas vinculações com as problemáticas socioculturais. Desse modo, o *bios* midiático (Sodré, 2013) gera produtivos espaços de aprendizagem, nos quais as mídias atuam como mediadoras de conhecimentos e interações coletivas (Cortes, Martins, Souza, 2018). Se são elementos importantes para a produção, reprodução e transmissão das culturas, também podem (*in*) formar audiências mais conhecedoras das representações da realidade. Por isso, Braga e Calazans (2001) acreditam que os fluxos de saberes contribuem para o debate dos hibridismos sociais e das complexidades coletivas.

Isso posto, discutimos a categoria cotidiano (Alves, Oliveira, 2010, Pais, 2003) entrelaçada à ambiência da série em seu formato *workplace*² (Nogueira, 2010) e à conceituação de resiliência (Tavares, 2001). O percurso busca salientar as subjetividades ficcionais não apenas referentes ao mundo escolar, mas ao mundo da vida.

OS DRAMAS DE UMA SEGUNDA CHANCE: SILÊNCIO NO ESTÚDIO, GRAVANDO!

² O gênero alude aos enredos que retratam os cotidianos de determinadas profissões.

A narrativa de *Segunda Chamada* é contada por alusões ao abandono, à discriminação e à violência que não apenas estigmatizam as aulas noturnas da Escola Estadual Carolina Maria de Jesus³ (Figura 1), em São Paulo, mas no intuito de representar as demais instituições educativas Brasil afora. Evoca o recomeço e a luta das escolas, alunos/as, professores/as e comunidades apesar das dificuldades socioeconômicas enfrentadas.

Figura 1: Escola Estadual Carolina Maria de Jesus



Fonte: Globoplay, 2022.

Figura 2: Precariedade Estrutural



Fonte: Globoplay, 2022.

Nesse cenário, 05 (cinco) docentes lutam pelo reconhecimento do seu ofício, renovando, de maneiras particulares, a crença de que a educação precisa “resistir”. São eles: o diretor Jaci (Paulo Gorgulho), Lúcia (Debora Bloch), professora de língua portuguesa; Sônia (Hermila Guedes), professora de história e geografia; Eliete (Thalita Carauta), professora de matemática; e Marco

³ O local é fictício e homenageia uma das primeiras e relevantes escritoras negras brasileiras: a mineira Carolina Maria de Jesus, autora do livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960). A construção histórica se localiza na capital paulista, e foi erguida em 1950 para acolher a Escola do Jockey Club de São Paulo. Durante décadas, abrigou também outros colégios particulares e, há aproximadamente 10 anos, o prédio está desocupado. As equipes de arte e cenografia da emissora realizaram uma reforma para transformar o lugar num personagem importante da narrativa: “O complexo de 3,39 mil metros quadrados imprimiu o realismo latente da história através de sua pintura descascada, de suas infiltrações, de seus vidros estilhaçados, das pichações nas paredes”, declarou a diretora Joana Jabace ao Portal Globo.com.

André (Silvio Guindane), professor de artes. Juntos, os personagens partilham obstáculos constantes e similares à realidade de educadores/as e de estudantes em muitas comunidades do país, reverberando emocionantes episódios de superação vividos por pessoas que aprendem e ensinam valores, ainda que tudo, numa realidade difícil, pareça conspirar para desestabilizar seus trabalhos e suas intenções.

Figura 3: Docentes e Diretor

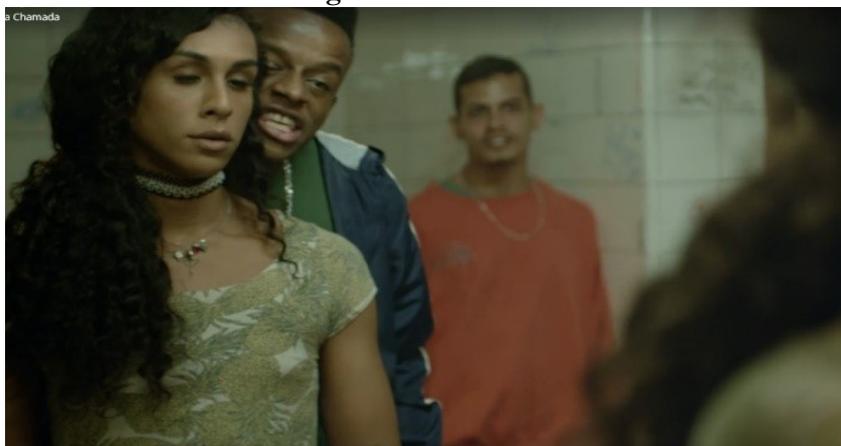


Fonte: Globoplay, 2022.

Ricos espectros de possibilidades simbólico-interpretativas envolvem os/as estudantes da escola pública retratada, e não somente os dramas docentes. A travesti Natasha, Figura 4, por exemplo, marca a estreia de Linn da Quebrada⁴ num papel de tom autobiográfico, uma vez que a cantora, também travesti, é multimídia, ativista social, compositora e atriz. A música e a performance nos palcos são seus instrumentos de oposição aos silenciamentos e preconceitos de gênero, corpo e sexualidade, pelos quais assume a luta de travestis e demais indivíduos da comunidade LGBTQIA+ que são marginalizados/das pela sociedade. Sua personagem insere a diversidade sexual na escola com reflexões sobre as minorias, rendendo-lhe o convite para a Edição 22 do *Big Brother Brasil*, *Reality Show* anual da Rede Globo de intensa repercussão pública.

⁴ Nome artístico de Lina Pereira dos Santos.

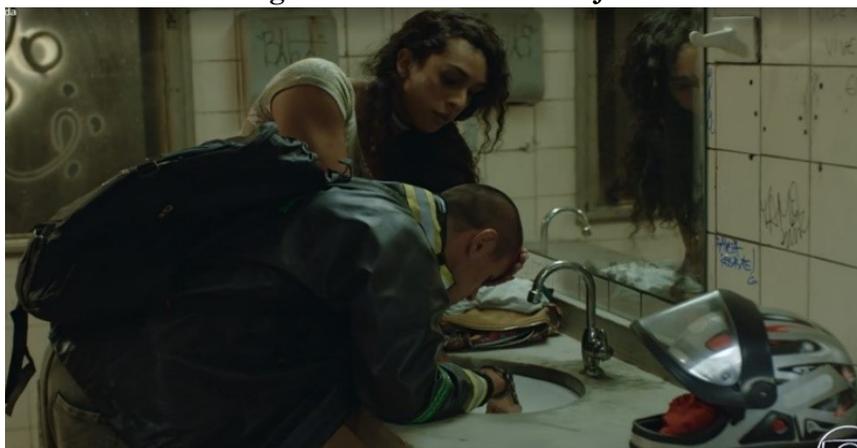
Figura 4: Transfobia



Fonte: Globoplay, 2022.

Destacamos, ainda, o casal de evangélicos Pedro (Vinícius de Oliveira) e Márcia (Sara Antunes) que sofre intolerância religiosa em sala de aula, trazendo à tona discussões sobre o respeito à liberdade de crenças. Maicon Douglas (Felipe Simas) e Rita (Nanda Costa), por sua vez, representam inúmeros jovens que abandonaram os estudos para trabalhar em razão de serem pais na adolescência.

Figura 5: Rotina Aluno da EJA

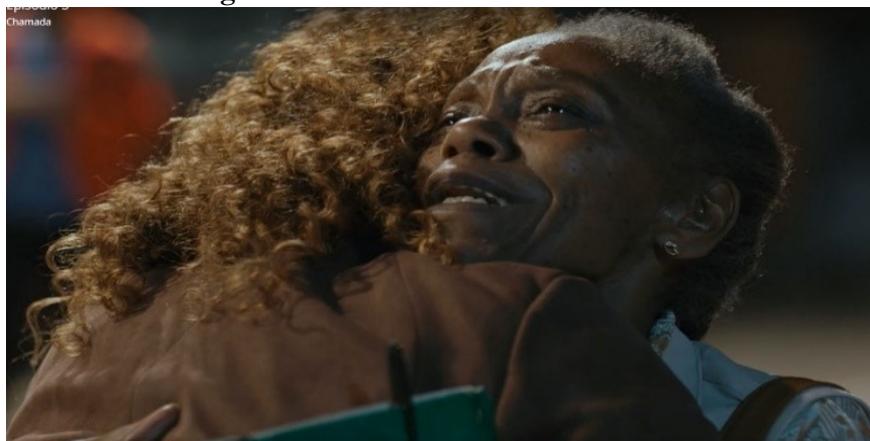


Fonte: Globoplay, 2022.

A estudante Gislaine (Mariana Nunes) atua como prostituta para sustentar a família, provocando uma discussão relevante sobre a temática. Há, também, os refugiados venezuelanos Javier (Gabriel Diaz) e Alejandra (Rosalba Vanessa), que querem aprender o novo idioma na busca por cidadania em enfrentamento às dores inerentes à condição de refúgio.

Já a personagem idosa Jurema (Teca Pereira), Figura 6, instiga questões do feminino e da memória social, por ter sido impedida de estudar pelo marido, na década de 1960, contexto atravessado pela repressão patriarcal e a hegemonia do masculino, cujos vestígios ainda perpassam as gerações atuais.

Figura 6: Enfrentamento ao Patriarcado



Fonte: Globoplay, 2022.

Neste momento, não é nosso interesse aprofundar as situações dos personagens; apenas assinalar que suas tramas são contadas por nomes e rostos ficticiais, mas suas almas e lutas são críveis, constituindo um pano de fundo educacional para a abordagem da resiliência, ferramenta de transformação pessoal. Tais características conferem à narrativa um forte acento pragmático para além do universo educativo, “[...] refletindo e refratando marcas sociais e culturais que firmam valores, ditam condutas, ensejam práticas, permitem recomposições nos modos de ver e compreender o mundo” (Citelli, 2013, p.183).

CULTURA DE SÉRIES E O FORMATO PROCEDURAL: A EJA NA TELA DA TV

O conceito de “cultura de séries” é o resultado de novas dinâmicas esportivas de TV, nas quais é possível acessar conteúdos diversificados, ao mesmo tempo em que se encontram oportunidades de reflexão sobre a sociedade e a cultura numa escala transnacional. O autor chama atenção para um dos critérios que mobiliza a aceitação coletiva: a sofisticação do texto. Um roteiro sagaz e criativo é coerentemente elaborado, intencionalmente mais próximo da vida social, difundindo questões a partir de argumentos inteligentes, refinados, em estilos líricos e poéticos. A migração de roteiristas, diretores e atores do cinema para a televisão contribui para esse movimento, iniciado com as séries americanas, “[...] mas que transfere para as demais produções uma marca distintiva de qualidade que só o cinema poderia oferecer, tornando-se produtos culturais intensamente presentes também nos circuitos digitais de troca de arquivos e consumo online” (Silva, 2014, p. 244).

Por ser ambientada numa instituição educativa e reproduzir um cotidiano condizente à sala de aula e suas práticas, *Segunda Chamada* se classifica como procedural, drama que apela à memória coletiva a partir de uma problemática própria de um determinado contexto para se tornar verossímil. Esse gênero, originário da indústria americana, retrata locações e especificidades de certos grupos profissionais, a exemplo de hospitais (*Plantão Médico*, *Grey's Anatomy*, *House*), delegacias de polícia (*Law & Order*), corporações de bombeiros (*Chicago Fire*) ou escritórios de advocacia (*Suits*). No Brasil, a produção *Sob Pressão*, também criada pela Globo e sucesso de crítica, segue o mesmo padrão, reproduzindo um hospital público do Rio de Janeiro.

Na estética discursiva procedural um tema é posto em perspectiva gradualmente, possibilitando novos episódios sequenciais. A estratégia permite que as temporadas se expandam e atravessem inúmeros desdobramentos segundo os interesses dos produtores e do público. São séries definidas como “casos da semana”, uma vez que episódios independentes são levados ao ar sem conexão direta com os anteriores, embora encenados no mesmo ambiente e com o mesmo elenco. Todavia, cada um contém um arco narrativo particular, de acordo com os conflitos já delineados e presumidos no início da produção.

Nogueira (2010) descreve que os *workplaces* dramas, como são denominadas as produções procedurais, aglutinam nuances institucionais do mundo do trabalho que logo são reconhecidas pela audiência. Nesse sentido, a lógica normativa cotidiana confere equivalência pragmática, emocional e afetiva, de modo a contar aquilo que os espectadores vivem, ou intuem de alguma maneira, em contato com esses ambientes. Em consequência, níveis de empatia surpreendentes são notados, uma vez que apresentam roteiros simples e humanos que dispensam o realismo fantástico ou estratégias sofisticadas de fabulação estética. O dia a dia de profissionais possibilita identificação com a realidade social.

Na compreensão de Berger e Luckmann (2014) instituições como as escolas desempenham papéis normativos a partir de padrões predefinidos para a conduta humana. Nesse sentido, não apenas sinalizam circunstâncias próprias, mas também indicam como as posturas devem ser, ditando, assim, comportamentos para as interações coletivas, porque são dotadas de historicidade e antecedem aqueles que as integram. Ou seja, existe uma memória social acerca de suas trajetórias.

Albuquerque e Meimaridis (2016) discorrem que, em sociedades complexas, instituições diferentes podem seguir parâmetros normativos distintos, opostos ou similares na cultura de séries. Nas histórias médicas, por exemplo, a vocação dos profissionais implica o dever de salvar vidas. Entre os/as professores/as, há expectativas para “salvar pessoas”, uma vez que novos saberes podem transformar existências. Contudo, para além da romantização do ofício docente, é útil considerar que “salvar pessoas” perpassa contextos distintos, pois, embora os sujeitos envolvidos nas práticas educativas resistam, o êxito pode não acontecer, diante das variáveis e intempéries da vida cotidiana. Apesar disso, os dramas procedurais forjam narrativas críveis, “proporcionando um panorama de previsibilidade, de metas e perigos que podem servir de base a uma ampla gama de episódios” (Albuquerque, Meimaridis, 2016, p. 12).

Instituições sociais como a escola estão relacionadas a certos objetivos que pressupõem uma equivalência com o real, de modo a ordenar as rotinas ficcionais na busca por verossimilhança. As ações dos protagonistas são presumidas pelos espectadores, conforme as especializações profissionais sugerem, o que impacta de maneira positiva uma audiência que se alinha à lógica dos ofícios, e/ou tem afinidades com o campo representado. Nogueira (2010) reitera que o drama profissional e o melodrama se equivalem e coexistem para emocionar os espectadores e visibilizar os sonhos, os valores morais e as metas que se aproximam de nós. Nessa perspectiva, um mundo comum é realçado para chamar a atenção e embelezar verdades que já existem no mundo social.

Como o Brasil atravessou um período político-histórico desmotivador, que questionou o papel da educação, a produção *Segunda Chamada* adquire relevância por notabilizar o ofício docente e a luta dos sujeitos aprendentes. Afinal, a EJA é constituída por pessoas que trabalham o dia inteiro e, no período noturno, desafiam a exaustão, visando recuperar o tempo de educação não experienciado em suas trajetórias. Além disso, as especificidades dessa modalidade educacional agrupam muitos brasileiros.

Figura 7: Docência e suas faces



Fonte: Globoplay, 2022.

A educação de jovens e adultos é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei de nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, e tem como principal objetivo formar cidadãos autônomos, críticos e ativos perante a sociedade. É uma educação básica voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada.

Figura 8: Resistência



Fonte: Globoplay, 2022.

Por definição, a EJA revela o potencial de uma educação inclusiva e compensatória, que visa construir uma política social igualitária, na medida em que propõe avanços individuais para a faixa etária adulta no sentido de minimizar a defasagem do binômio idade-série. Nesses termos, o Artigo 37 da LDBEN (Brasil, 2018) determina que os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames de caráter democrático. Uma vez que a série se refere à EJA e a seus desafios, isso nos solicita entender a capacidade de resiliência que, em linhas gerais, caracteriza os sujeitos desse nível educacional.

RESILIÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR: PROSSEGUIR, APESAR DOS OBSTÁCULOS

O latim *resilio* se reporta ao ato de saltar para trás, reduzir-se e afastar-se. Para Tavares (2001), o sentido etimológico de resiliência significa “ser elástico”, numa comparação a algo que retorna à posição original após uma deformação sofrida. Do ponto de vista da psicologia, resiliir é a ação de se recuperar, ou dar a volta por cima depois de uma doença grave, trauma ou estresse. Em síntese, é enfrentar as provações da vida: primeiramente resistir a elas, e depois conseguir superá-las para viver o melhor possível: “[...] entre os saberes necessários a prática docente, inclui-se o fortalecimento da sua capacidade de resiliência” (Tavares, 2001, p.119).

Uma pessoa resiliente é capaz de se fortalecer, apesar e por causa das dificuldades, sugerindo uma *expertise* de adaptação inerente à condição humana. Poletti e Dobbs (2007) apontam duas dimensões para essa ação: 1) a resistência à destruição, a fim de proteger sua integridade sob fortes pressões; 2) e a capacidade de (re)construir, de recriar uma vida digna, a despeito das circunstâncias adversas e, até mesmo, por causa delas. Por essa razão, resiliir é ato de transformação, o que já se contrapõe à ideia (reativa) de um objeto elástico que retorna à forma original. Em outras palavras, o indivíduo resiliente se diferencia dos demais ao superar dificuldades e seguir adiante com uma personalidade reformada.

No pensamento de Cyrulnik (2001), a resiliência envolve, também, uma habilidade socioafetiva de atribuir significados aos obstáculos para não sucumbir a eles. Uma pérola é o resultado da reação de uma ostra à agressão de um grão de areia. Assim como a ostra pode transformar um áspero grão em algo valioso, o ser humano pode se reinventar após acontecimentos marcantes, e descobrir potenciais que desconhecia. Tudo muda o tempo todo: “Nossa história não é um destino. Nada fica escrito para sempre. A verdade de hoje não o será amanhã, os determinismos humanos são de curto prazo. Os sofrimentos nos obrigam a metamorfosear-nos e nunca perdemos a esperança de mudar a maneira de viver” (Cyrulnik, 2001, p. 68).

Considerando o contexto da educação no país, cada pessoa possui desafios distintos que podem, ou não, produzir resiliência, afastando-a ou mantendo-a nos bancos escolares. No que tange à série, os personagens demonstram resiliência, acreditando que é possível continuar na escola, apesar das adversidades. Em suma, a resiliência nos permite enfrentar ventos e tempestades em nome da perseverança. *Segunda Chamada* retrata uma maneira positiva de viver e encarar os sobressaltos do caminho em resposta às demandas da vida cotidiana. Argumenta que é preciso reagir de algum modo, apesar dos danos, e tendo-se, sobretudo, consciência a respeito deles, no empenho assertivo de enfrentá-los.

No campo da educação, a resiliência implica a força de continuar, a habilidade socioemocional de se adaptar às circunstâncias estressantes, aprendendo a se recuperar com os fatores que as provocam. Portanto, a série discute que essa faculdade pode ser aprendida, e a escola se converte num espaço privilegiado para este aprendizado, tanto para docentes, como para os discentes. No entanto, é preciso observar que as vivências da EJA no mundo real são complexas, refletindo contextos de vulnerabilidade social e violência, que não podem ser revertidos apenas com a boa vontade de docentes comprometidos/as, mas com políticas públicas que priorizem a qualidade da educação no que diz respeito a recursos humanos e estruturais.

Tal como é disseminado na série, Henderson e Milstein (2005) corroboram a escola como lugar adequado para desdobrar o potencial dos sujeitos rumo a uma comunidade inclusiva. Seis passos são propostos para inspirar a resiliência docente e o protagonismo dos estudantes: (1) enriquecer os vínculos; (2) determinar limites claros e fortes; (3) ensinar habilidades para a vida; (4)

proporcionar afeto e apoio; (5) estabelecer e transmitir expectativas elevadas; (6) proporcionar oportunidades de participação significativa. Essa combinação produz mais compromisso social e gera uma concepção mais positiva de si mesmos no ambiente escolar.

Certamente, a profissão de professor/a é exemplo de resiliência e a série problematiza esse aspecto, notabilizando o papel docente nos processos necessários à construção do conhecimento e nas intervenções sobre o futuro profissional dos/as alunos/as. A pessoa do professor/a é, então, articulada à pessoa do/a aluno/a numa perspectiva de desenvolvimento humano e da conscientização dos fatores de risco da vida social no encaminhamento de estratégias para a superação dos problemas. Além de ressaltar a importância da família nas trajetórias evolutivas dos personagens, a narrativa projeta a função da escola no aprendizado das competências essenciais para a conquista de novos espaços na vida.

Figura 9: O espetáculo continua



Fonte: Globoplay, 2022.

Como *Segunda Chamada* focaliza o cotidiano escolar de professores/as e alunos/as em suas práticas, interações e humanidades, parece-nos necessária uma revisão conceitual acerca dessa categoria. Na visão de Pais (2003), o cotidiano sinaliza uma rota de conhecimento. A acepção mobiliza as raízes etimológicas do vocábulo “rotina” numa referência ao campo semântico do latim *rupta*, associado à ideia de rota, caminho ou percurso. Desse campo também derivam as expressões “rotura” ou “ruptura”: ato ou efeito de romper, interromper, por corte, rompimento ou fratura. O cotidiano nos incomoda, interroga e nos inquieta, porque sugere mudança de rumos, escolhas e vivências, mostrando-se aberto ao que se passa e as suas circunstâncias, como “[...] caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais do que os significados” (Pais, 2003, p. 29).

Nessa concepção, trata-se de uma possibilidade metodológica de decifração da vida social a partir de uma dupla preocupação: a de ver a sociedade no nível dos indivíduos e, ao mesmo tempo, a de ver como o social se traduz na vida deles, dia após dia. “É com esse guia de orientação metodológica que podemos cartografar o social, com o objetivo de melhor o interpretar” (Pais, 2003, p. 307). A escola, portanto, oferece um trabalho de interpretação dos espaços vividos socialmente e dos próprios sujeitos que dela participam como um lugar de encontros, diferenças e expectativas.

Alves e Oliveira (2010) propõem que o cotidiano guarda sensações distintas, equívocos e paradoxos: tanto no que significa permanência (o seu conteúdo) e que, portanto, se repete; quanto

no que lhe é singular (suas formas e códigos), solicitando atenção para os recuos e recomeços (Alves, Oliveira, 2010), exatamente como ocorre na EJA, uma modalidade de progressos e retrocessos, onde são valorizadas as redes de subjetividades e subjetivações que nos permitem enxergar aspectos singulares e qualitativos da vida de todo dia. Assim, a série revela uma diversidade de modos de fazer e de pensar que particularizam os sujeitos. Pois, “[...] nos processos de viver e criar, nos múltiplos espaços/tempos cotidianos nos quais nos inserimos, ganha importância a compreensão de como se formam as redes de subjetividades que cada um de nós é” (Alves, Oliveira, 2010, p. 88).

Ratificando as redes de subjetividades que nos definem, Pais (2003) chama atenção para as experiências cotidianas da escola como importantes fontes de aprendizagem do mundo. O viver subjetivo nos incita a “[...] explorar as minudências da vida social, as potencialidades interpretativas de aspectos aparentemente anódinos da vida cotidiana que nos podem dar pistas sobre as dinâmicas e processos sociais” (Pais, 2003, p. 311). Em face disso, a EJA representa uma tentativa cotidiana na resiliência de uma educação inclusiva, sempre disposta a tentar outra vez: “[...] já que insistir na mudança é muito mais do que suportar o tempo. O cotidiano é o lugar de onde pode surgir o imprevisível, o aleatório, o imprevisto” (Pais, 2003, p. 115).

Portanto, a série *Segunda Chamada* sugere, então, o entendimento do cotidiano pedagógico como “[...] o lugar onde tudo passa sem que nada pareça passar” (Pais, 2003, p. 114). Na dinâmica escolar, a vida de professores/as e suas experiências com os/as alunos/as são tecidas no dia a dia, pois o cotidiano é capaz de oferecer uma compreensão dos tempos e dos múltiplos espaços pelos quais são tecidas diversas redes de saberes. Numa apropriação do pensamento do autor, “[...] a satisfação intrínseca pela aprendizagem, dando vida ao mundo da escola, é também a melhor forma de fazer do mundo da vida uma escola” (Pais, 2003, p. 304).

Em virtude do exposto, um campo “sempre igual”, como as lutas escolares, também deve ser explorado como espaço de luta, produção de criatividade, lugar de enfrentamentos, de ruptura dos silenciamentos e das invisibilidades. Dessa forma, na cotidianidade, teríamos uma rotina de todo dia; “e no cotidiano, teríamos, também, o que quebra a rotina, isto é, a ‘rotura’. O que com isso quero dizer é que a vida cotidiana é também um campo de resistências e de lutas sociais” (Pais, 2003, p. 308).

A escola se insere como espaço de lutas, permitindo a projeção empática da série, à medida que os vestígios de plasticidade e de polissemia da ficção traduzem as expectativas da EJA como reflexos da vida social cotidiana em suas possibilidades de reconstrução e reinvenção. Narrativas como *Segunda Chamada* adotam códigos de endereçamento prontamente reconhecíveis no mundo icônico da significação midiática. Tais códigos são mediadores da realidade social porque são habitualmente percebidos no discurso narrado e nas imagens mobilizadas, que nos permitem identificar os signos do espaço pedagógico e do anseio à valorização escolar como causa coletiva.

A dinâmica polifônica entre o visto e o já vivido, que perpassa séries procedurais como *Segunda Chamada*, interpela os espectadores para inverter suas expectativas e convicções, como tramas que elegem “[...] como tema fulcral o mais compulsivo dos afetos humanos, que é ‘a convivência’ com o comum” (Nogueira, 2010, p. 25).

Sant’Anna (2008) acrescenta que, neste processo, são produzidas intertextualidades que se apropriam do real, numa bricolagem de fatos que agrupam experiências “alheias” pelos mecanismos da tradução e da reconstrução narrativas. Nessas instâncias, os personagens constroem vínculos, ao darem voz a experiências reais que também nos representam, contando histórias que nos tocam em suas humanidades, porque muitas delas já foram por nós vivenciadas, o que nos torna, também, personagens afins de um mesmo enredo.

CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

A análise permitiu entender que o contexto pedagógico da EJA traduz o descaso do poder público com as instituições escolares e, por conseguinte, com os sujeitos que abraçam a docência. O empenho dos/as profissionais emerge como uma missão impossível construída por histórias, cujas lições de vida significativas sugerem verossimilhança com o mundo social ensaiando tentativas de recomeço. Assim, no fluxo de sentidos e sensibilidades da série, não temos acesso apenas à escola e à educação na maturidade da vida, mas encontramos elementos que *formam* e *informam* sobre o cotidiano da EJA numa intertextualidade com o mundo social.

A série reverbera a resiliência na educação como prática de vida a partir da ideia de que ser professor/a no Brasil é uma missão hercúlea na superação de adversidades, em prol de um futuro com mais oportunidades para as novas gerações. A proposta pedagógica da EJA visa a construção da autonomia, no intuito de desenvolver o protagonismo dos grupos, respeitando seus tempos e espaços de aprendizagens, trabalhando a valorização de suas experiências socioculturais para uma inserção coerente no mundo do trabalho. Assim, apenas a resiliência não garante a permanência dos sujeitos na EJA, já que fatores socioeconômicos são responsáveis pela exclusão do processo educativo formal. Nesse escopo, é corroborada e denunciada a negligência das políticas públicas em descompasso contínuo com uma educação emancipatória, tendo em vista os desafios impostos pela sociodiversidade brasileira.

Rocha e Marques (2009) lembram, com propriedade, que ficções do gênero motivam grupos de discussões entre os espectadores para que possam avaliar os significados e saberes da resistência social difundidos pela história. Por esse viés, é possível instigar um movimento reflexivo, capaz de desestabilizar os estigmas que oprimem os marginalizados, sejam integrantes da EJA, sejam moradores das periferias, representados na série *Segunda Chamada*. Isso implica questionar as representações midiáticas, na escola e fora dela, através de metodologias discursivas e dialógicas, que analisem a natureza educacional das narrativas, com propósitos de formação pedagógica, a fim de suscitar a compreensão das questões escolares nos enfoques da teledramaturgia.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Afonso; MEIMARIDIS, Melina. Dissecando fórmulas narrativas: drama profissional e melodrama nas séries médicas. *Revista Fronteiras - Estudos midiáticos*, v. 18, n. 2, p. 158-169, maio/ago., 2016. Disponível em <https://doi.org/10.4013/fem.2016.182.05>. Acesso em 16 jan. 2024.
- ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (org.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. *Comunicação & Educação*. São Paulo: Hacker, 2001.
- BRASIL. Lei n. 9.394 de dezembro de 1996. Leis das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 2ª ed. – Brasília, DF: *Senado Federal*. Coordenação de edições técnicas, 2018. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf. Acesso em 16 jan. 2024.
- CITELLI, Adilson. Educomunicação: em torno dos diálogos culturais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL IBERCOM, XIII, 2013. Universidade de Santiago de Compostela. *Libro de*

Actas [...] Espanha: ASSIBERCON, AGACOM, p. 1830-1838, 2013. Disponível em chrome-extension://efaidnbnmnibpcajpcgclcfndmkaj/https://www.cecs.uminho.pt/assibercom/wp-content/uploads/2021/05/01_livro_de_atas_2013-1.pdf. Acesso em 16 jan. 2024.

CITELLI, Adilson. Faces e interfaces educacionais. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 9, n. 20, p. 6-23, 2021. DOI: [10.22484/2318-5694.2021v9n20p6-23](https://doi.org/10.22484/2318-5694.2021v9n20p6-23). Disponível em <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4679>. Acesso em 16 jan. 2024.

CYRULNIK, Boris. *Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

CORTES, Tánisse Paes Bóvio Barcelos; MARTINS, Analice de Oliveira; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Educação midiática, educação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases scielo e scopus. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, p.1-39, out. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-4698200391>. Acesso em 16 jan. 2024.

HENDERSON, Nan; MILSTEIN, Mike. *Cómo fortalecer la resiliencia en las escuelas*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

NOGUEIRA, Luís. Manuais de Cinema II: gêneros cinematográficos. *Covilhã: LabCom Books*, 2010.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

POLETTI, Rosette; DOBBS, Barbara. *A resiliência: a arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ROCHA, Simone Maria; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Da promessa de gênero à interpretação reflexiva: perspectivas para a análise das narrativas televisivas. *E-Compós*. Brasília, DF, v. 12, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2009. Disponível em <https://doi.org/10.30962/ec.296>. Acesso em 16 jan. 2024.

SEGUNDA Chamada. Direção: Joana Jabace, Pedro Amorim, Henrique Sauer. Rio de Janeiro: *Globoplay*, 2019. Disponível em <https://globoplay.globo.com/segunda-chamada/t/DYpvss7pz5/>. Acesso em 16 jan. 2024.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 2008.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. *Galaxia*. São Paulo, n. 27, p. 241-252, jun. 2014. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/15810>. Acesso em 16 jan. 2024.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2013.

TAVARES, José. *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

Submetido em maio de 2024

Aprovado em julho de 2024

Informações das autoras

Robéria Nádia Araújo Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: rnadia81@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1806-0138>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9966633992626905>

Thatiane Oliveira do Nascimento
Universidade Federal de Juiz de Fora
E-mail: thatiane1nascimento@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4061-7318>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1527903951323916>